

Brasil e Cabo Verde têm idênticas expressões de convívio na sua formação humana, trazida da Europa e da África. Há um elo sentimental que nos caracteriza, a ponto de não ferir o contacto dessas famílias irmãs, embora separadas pela distância marítima.

Luis Romano

Uma mente que brilha jamais será ofuscada pelo Tempo. Cronos, que a seus filhos devora tão logo nascem, privou-nos do convívio de mais um escritor e intelectual de inestimável valor para os Estudos Caboverdianos. Mas a memória, assim como a arte, consegue deter o fluxo do Tempo para marcar-lhe os instantes de fulgor e, sem sombra de dúvida, a obra de Luís Romano oferece a nós, leitores, muitos destes momentos de epifania. Até os últimos momentos de sua passagem por este rio de Heráclito que inexoravelmente nos conduzirá a outro (ou mesmo?) rio, o de Caronte, Luís Romano preocupou-se, daqui do Brasil onde residia, em acompanhar o desenvolvimento da terra-mãe, de sua gente, de sua cultura.

E afirmo isto também porque, em junho de 2009, recebi com surpresa uma carta sua agradecendo-me pela homenagem que lhe foi prestada no I Seminário Internacional de Estudos Caboverdianos: contravento, pedra-a-pedra, realizado na Universidade de São Paulo, Brasil, em novembro de 2008, sob minha coordenação-geral. O evento reuniu mais de duas dezenas de personalidades caboverdianas e, certamente, a ausência do escritor em plêiade de tal magnitude, reunida para discutir os rumos da literatura, do cinema, da pintura, da música de sua terra., foi resultado de seu precário estado de saúde.

Cronos-Saturno já começara a jogar freneticamente seus dados.

Para dirimir o fato de não poder ter participado do congresso de que era o homenageado de honra (de acordo com o projeto de divulgação de sua obra, tarefa conjunta que esta professora e seu Grupo de Estudos Caboverdianos CNPq-USP desenvolviam com Vera Duarte e por inspiração desta), Luís Romano enviou-me a seguinte mensagem: *“a fim de minorar tal ausência, tomo a liberdade de vos oferecer outra sinopse sobre a actual Literatura Caboverdiana, dando-vos total autoridade para eventual publicação”*. À carta, datada de 2 de junho de 2009, somava-se um volume (com uma capa escolhida pelo autor, a imagem do navio Ernestina) contendo textos originais do seu mais recente livro, derradeiro livro.

O pacote com este precioso conjunto chegou às mãos desta professora sem aviso, num fim de tarde paulistano, meses depois da homenagem prestada ao grande escritor, caboverdiano residente desde 1962 em terras brasileiras.

Comovida com este verdadeiro “presente” e com a responsabilidade pela tarefa que lhe era delegada pelo Autor com máxima confiança, esta pesquisadora compartilhou sua emoção com a irmã do outro lado do Atlântico – Vera Duarte, outra entusiasta leitora e divulgadora da obra de Luís Romano _ à semelhança do gesto de Jorge Barbosa ao enviar a estrela da manhã para Manuel Bandeira.

E assim, da junção de alegrias, surgiu a idéia de introduzir o livro com um prefácio binacional, tal como a paixão do insigne escritor pelos dois países que adotou de coração: Cabo Verde e Brasil. Este texto é parte dele e anuncia a publicação que virá, com a chancela do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde.

Nascido a 10 de junho de 1922 na Vila da Ponta do Sol, ilha de Santo Antão, **Luís Romano** de Madeira Melo, com fôlego de menino aos 87 anos de idade, presenteou-nos com uma obra inestimável para os estudos caboverdianos de literatura e cultura que, à semelhança da sinopse

Cem Anos de Literatura Caboverdiana

: 1880/1980, publicada na revista

África

(1984), perpassa a trajetória intelectual de seu país, no período compreendido entre 1960 e 2002.

A partir da cidade de Natal (onde fomos visitá-lo neste janeiro, dias antes de seu “encantamento”, sem sucesso, face ao seu estado terminal de saúde), terra brasileira na qual afirmava ter encontrado “uma espécie de paralelismo emocional”, irmã em beleza e aspectos físicos do seu Cabo Verde “sabe”, o escritor teceu os seus *Comentários Literoverdianos*, sempre atento, qual sentinela, ao que se tem produzido nas ilhas do outro lado do Atlântico. A atualidade de suas reflexões sobre literatura (em língua caboverdiana e em língua portuguesa), artes plásticas, formas musicais tradicionais e seus intérpretes, folclore, língua materna, temas de direitos humanos, as apreciações sobre obras críticas relativas a conteúdos caboverdianos, além de suas entrevistas transcritas perfazem um painel de múltiplas faces que permite ao leitor o conhecimento panorâmico do que se tem produzido em Cabo Verde e a respeito de suas expressões identitárias, com a acuidade de quem faz arte e conhece a história da cultura de seu país.

Se a publicação de *Famintos* no Brasil, tal a carga de denúncia sobre o desmando da ditadura e do despotismo “reino” no arquipélago, constitui um dos grandes momentos da literatura e um dos mais potentes gritos sobre o abandono das gentes na ex-colônia (“o espetáculo de ver compatriotas morrer à fome, ao desamparo”, testemunhado por Romano até 1948), estes *Comentários literoverdianos* demonstram a vitalidade de uma voz que nunca se calou, a despeito da doença que, por vezes, tentou alquebrar o corpo.

Recebido “com afecto fraternal”, como refere em entrevista, pelo povo brasileiro, Luís Romano sempre acompanhou e fomentou a “luta pela cidadania com dignidade e vitórias” por parte de seu povo, o caboverdiano. Brilhou aqui e lá, ou aqui-lá.

Famintos (Rio de Janeiro, 1962, romance popular caboverdiano), *Clima* (Recife, 1963, poemas), *Cabo Verde: elo antropológico entre a África e o Brasil* (Natal, 1964), *Cabo Verde-Renascença de uma Civilização no Atlântico Médio* (Lisboa, 1967, poemas e contos),

Negrume/Lzimparin

(Rio de Janeiro, 1973, contos),

A poesia viva de Cabo Verde

(Rio de Janeiro, 1976),

Crônicas

(

Voz di povo

, 1981),

Contravento: antologia bilingue de poesia caboverdiana

(EUA, Atlantis, 1982),

Cem Anos de Literatura Caboverdiana

(Lisboa, 1984),

Ilha

(S. Vicente, 1991, estórias caboverdianas),

Kabverd Civilização e Cultura

(Rio de Janeiro, 2000) são textos de natureza vária (romance, poesia, conto, crônica, ensaio) que atestam a versatilidade de um escritor que, na diáspora, perseverou no cultivo do amor à sua terra de origem, concebendo-a sempre como elo entre terras e culturas.

Aguardemos, pois, com ansiedade e júbilo antecipado, a publicação de *Comentários*

Literoverdianos

, livro derradeiro de Luís Romano que tive a honra de organizar e prefaciar, juntamente com Vera Duarte, e de entregar em mãos, em dezembro de 2009, digitado para revisão e conseqüente publicação, a Joaquim Morais, Presidente do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde, outro entusiasta da divulgação da obra de Romano e de tantos que se dedicam a dar a conhecer e a amar Cabo Verde. A edição deste exemplar histórico participará de um conjunto de publicações no âmbito das comemorações dos 35 anos da Independência.

Lembro, extremamente emocionada, a voz alegre que recebia por telefone a notícia da intenção da publicação do livro pelo IBNL, quando lhe comuniquei a confirmação do projeto há meses atrás. E minha memória renova a felicidade de saber, por seus familiares, que novo vigor insuflara Romano àquela altura, a partir da certeza de que eu havia cumprido a tarefa que a mim designara. Conduzindo a Cabo Verde a “sua” estrela da manhã, semelhante ao gesto de Jorge Barbosa de com ela tentar restituir a saúde a Manuel Bandeira, tentei levar a arte de Romano para a casa original. Minha esperança era a de que, “chegado enfim o viajero”, Cronos permitisse que ficasse um pouco mais entre nós.

Irreversível no seu movimento, Saturno, talvez sábio face a tanto sofrimento, ceifou-nos Luís Romano deste mundo de imagens e mesmo do egoísmo de que tudo e todos sejam eternos. A voz e o vigor de Romano já não estão aqui conosco, visíveis na convivência. Mas, certamente, continuam e continuarão ecoando na memória dos que amam Cabo Verde e prezam seus laços afetivos com o Brasil.

O livro de Luís Romano fica entre nós, como “certa rosa vermelha/ num terreno secreto/ adubado de esperança”.

Luis Romano: patrimonio intelectual caboverdianobrasileiro

Escrito por Olímpio Maciel

Dom, 05 de Fevereiro de 2012 20:50

O livro de Luís Romano fica entre nós, como “certa rosa vermelha/ num terreno secreto/ adubado de esperança”.

Simone Caputo Gomes (Professora Doutora de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa Universidade de São Paulo, Brasil)